

Práticas corporais de aventura na formação docente em institutos federais do Nordeste¹

Prácticas corporales de aventura en la formación de profesores en institutos federales del Noreste de Brasil

Adventure Body Practices in Teacher Training at Federal Institutes of Northeast Brazil

[Artículos]

Ana Clara Cassimiro Nunes²

Rebeka Martins Florêncio de Sousa³

Giulyanne Maria Silva Souto⁴

Dimitri Wuo Pereira⁵

Samara Celestino dos Santos⁶

Gertrudes Nunes de Melo⁷

Recibido: 03 de febrero de 2023

Aceptado: 17 de mayo de 2023

¹ Início-fim da pesquisa: 1º de abril de 2021-20 de abril de 2022. *Financiado por: Instituto Federal da Paraíba (IFPB), Brasil.

² Graduação em licenciatura em Educação Física pelo IFPB, campus Sousa. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Corpo, Cultura e Sociedade (Gepeccs), Sousa, Brasil. Correio eletrônico: anaclaracassimiro18@gmail.com; ORCID: 0000-0002-0600-7567

³ Graduação em licenciatura em Educação Física pelo IFPB, campus Sousa. Membro Gepeccs, Sousa, Brasil. Correio eletrônico: rebeka.martins95@gmail.com; ORCID: 0000-0001-8740-5024

⁴ Doutora em Educação Física pela Universidade Federal da Paraíba. Membro do Gepeccs, Sousa, Brasil. Correio eletrônico: giulyanne.souto@ifpb.edu.br; ORCID: 0000-0003-0265-1539

⁵ Doutor em Educação pela Universidade Nove de Julho, São Paulo, Brasil. Correio eletrônico: dimitriwuo141@gmail.com; ORCID: 0000-0001-6839-6732

⁶ Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Sergipe. Membro do Gepeccs, Sousa, Brasil. Correio eletrônico: samara.santos@ifpb.edu.br; ORCID: 0000-0001-7100-2677

⁷ Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Membro do Gepeccs, Sousa, Brasil. Correio eletrônico: gertrudes.melo@ifpb.edu.br; ORCID: 0000-0001-7914-5138

Citar como:

Nunes, A. C.C.,; Sousa, R.M.F., Souto, G.M.S., Pereira, D.W., Santos, S.C., Melo, G.N. (2023). Práticas corporais de aventura na formação docente em institutos federais do Nordeste. *Revista de Investigación Cuerpo, Cultura y Movimiento*, 13(2). DOI: 10.15332/2422474X.8312



Resumo

Esta pesquisa visa compreender como os conteúdos sobre as práticas corporais de aventura são contemplados e desenvolvidos nos cursos de licenciatura em Educação Física ofertados pelos institutos federais do Nordeste, Brasil. Trata-se de um estudo qualitativo a partir do levantamento das instituições realizado no e-MEC e posteriormente da busca de planos de curso e disciplinas nas plataformas digitais de cada instituto. Empregou-se a análise de conteúdo de Bardin (2011), sendo as principais informações representadas em quadros, figuras e nuvem de palavras. Foram encontrados cinco campi nos estados da Bahia, do Ceará e da Paraíba, e somente uma disciplina voltada à aventura, com enfoque nas modalidades esportivas desse conteúdo, reafirmando a carência de uma (re)evolução nos currículos de formação docente.

Palavras-chave: currículo, docência, educação física, institutos federais, práticas corporais de aventura.

Resumen

Esta investigación tiene como objetivo comprender cómo los contenidos de las prácticas corporales de aventura son contemplados y desarrollados en los cursos de licenciatura en Educación Física ofrecidos por los institutos federales del Nordeste, Brasil. Se trata de un estudio cualitativo basado en una encuesta de las instituciones realizada en el e-MEC y, a continuación, una búsqueda de los planes y temas de los cursos en las plataformas digitales de cada instituto. Se utilizó el análisis de contenido de Bardin (2011), con las principales informaciones representadas en tablas, figuras y nubes de palabras. Se encontraron cinco campus en los estados de Bahia, Ceará y Paraíba, y sólo una asignatura se centró en la aventura, con un enfoque en los deportes de este contenido, reafirmando la necesidad de (re)evolución en los currículos de formación de profesores.

Palabras clave: currículo, enseñanza, educación física, institutos federales, prácticas corporales de aventura.

Abstract

This research aims to understand how the contents of adventure body practices are considered and developed in undergraduate courses in Physical Education offered by federal institutes in the Northeast, Brazil. It is a qualitative study based on a survey of the institutions conducted in e-MEC and subsequently a search of the course plans and topics in the digital platforms of each institute. Bardin's (2011) content analysis was used, with the main information represented in tables, figures and word clouds. Five campuses were found in the states of Bahia, Ceará and Paraíba, and only one subject focused on adventure, with a focus on sports within this content, reaffirming the need for (r)evolution in teacher training curricula.

Keywords: curriculum, teaching, physical education, federal institutes, adventure body practices.

Introdução

A Educação Física, ao longo de sua história, produziu um reconhecimento de sua prática sem compreender inteiramente os sentidos e significados inerentes de cada prática proposta (Darido, 2005). Nesse cenário, os esportes coletivos, enquanto conteúdos hegemônicos, constituíram-se como predominante possibilidade vista no contexto escolar, inviabilizando a ascensão de outras atividades (Tahara & Darido, 2016).

Embora haja a ocorrência desses casos, desde a década de 1990, em que houve as primeiras aparições do termo “aventura” no meio acadêmico, essa prática já se apresentava com expressiva potencialidade para tornar-se relevante ao cenário social, cultural e econômico do esporte, do turismo e do lazer (Inácio et al., 2016).

Por sua vez, a sociedade, ao buscar por uma atividade sistemática ao ar livre, deparou-se com as sensações do “aventurar-se”, recriando também modalidades para os ambientes urbanos (Sousa & Araújo, 2016). Assim, as práticas corporais de aventura (PCA), na década de 2020, alcançam novos adeptos, esportistas ou não, que se reaproximam e se satisfazem na experimentação de cada prática corporal (Luz & Oliveira, 2021).

São exemplos da expansão ou ascensão das PCA as modalidades de aventura inseridas nos Jogos Olímpicos de Tóquio, que receberam merecido reconhecimento mundial. Da mesma forma, a inserção das PCA no currículo educacional, partindo da premissa contemplada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC [Brasil, 2018]), permite ampliar discussões, no âmbito acadêmico e escolar, uma vez que consideram as vivências corporais situadas em

atividades instigadas por situações de imprevisibilidade que surgem quando o indivíduo praticante interage com ambiente provocador. A BNCC, enquanto documento normativo, vincula também as PCA às atividades que têm como características a exploração das incertezas que o contexto físico gera ao praticante em situação de vertigem e risco controlado (Ministério da Educação do Brasil, 2018).

Conforme Gastão e Ferreira (2020), a existência desse risco — subjetivo à percepção do participante ou real da prática e/ou momento — gera a necessidade de superar a simples intencionalidade de oportunizar práticas seguras, fazendo-se necessária uma maior compreensão desse aspecto. Por essa razão, o papel do(a) professor(a) requer exigências específicas ao conhecimento dessas práticas, porém são carências que decorrem também da ausência de capacitações, desconhecimento ou restrições, refletindo diretamente na aplicação em sala de aula, muito embora seja um conteúdo assegurado pela BNCC (Rosa et al., 2019; Luz & Oliveira, 2021).

Outras inquietações que repercutem a ausência das PCA na literatura apontam que sofremos com uma “formação incipiente tanto ao nível de graduação, quanto da pós-graduação no país” (Rosa et al., 2019, p. 10). Logo, a urgência de um maior aprofundamento na aventura requer a implementação dessa temática nos currículos e na formação do(a) docente, pois apresenta requisitos que permeiam o ensino-aprendizagem enquanto conteúdo dentro do ambiente escolar (Fernandes & Silva, 2017).

Importa à formação inicial oferecer subsídios teórico-práticos para que os(as) licenciandos(as) se sintam aptos a adequar suas possibilidades à realidade escolar, despertando o interesse e envolvimento dos(as) estudantes, posto que, em relatos, a experimentação da aventura podem ampliar os conhecimentos, possibilidades de escolha, apropriação do lugar vivido, como também contribuir ao bem-estar físico e mental e a sensibilização de atitudes voltadas ao meio ambiente, inferindo comportamentos que poderão resultar na preservação e recuperação deste (Pereira, 2019; Luz & Oliveira, 2021; Bigolin & Carlan, 2019).

Fortalecem a assertiva anterior as ideias mencionadas pelos autores Franco et al. (2017) ao afirmarem que as experiências proporcionadas pelas PCA, mesmo que adaptadas, podem estimular as emoções e a singularidade incutida em cada desafio, as quais se atribui à superação de limites. Nesse sentido, os(as) professores(as) envolvidos no ambiente escolar possuem, para além da oferta de

atividades distintas, a função de agregar à formação cidadã criticidade e autonomia dos(as) estudantes.

Portanto, é lançada ao debate a potencialidade da temática investigada na presente pesquisa, e da própria Educação Física, desvelando sua relevância em qualquer etapa de ensino, cuja mediação deve utilizar abordagens que relacionem as PCA, de modo a encorajar o ensino da aventura na escola e em outros espaços, complementando o ensino-aprendizagem de maneira reflexiva, num movimento que proponha significados (Paixão, 2017; Franco et al., 2017; Bungenstab et al., 2017).

Pensando nas PCA como conteúdo relativamente recente nos currículos escolares, discutir a inserção de disciplinas que abordem a aventura na formação inicial da licenciatura em Educação Física bem como refletir acerca dos conteúdos desenvolvidos nessas disciplinas reforçam a relevância de iniciativas que motivem o diálogo e a capacitação, buscando promover uma atuação futura responsável e de qualidade.

À vista disso, a questão norteadora do estudo busca entender como são contemplados e desenvolvidos os conteúdos sobre as PCA no currículo de formação docente dos cursos de graduação em Educação Física oferecidos pelos institutos federais (IF) do Nordeste do Brasil.

É válido ressaltar que a formação e o aperfeiçoamento docentes são pontos importantes na discussão acerca da qualidade e equidade na educação brasileira. Trazer para o debate a graduação em licenciatura promovida pelos IF, especificamente o direcionamento que é dado a partir de componentes curriculares que abordem as PCA em instituições responsáveis pela formação de professores(as), é de expressiva relevância.

Uma das motivações para a proposição deste estudo encontra embasamento na ausência de investigações que busquem construir um panorama real do desenvolvimento do referido conteúdo/disciplina no percurso formativo de acadêmicos(as) da rede federal de ensino, especialmente nos IF. Muitas são as pesquisas que concentram intentos no estudo das PCA aplicadas no ambiente escolar e atividades de lazer, como nos textos de De Paula e Kochhann (2020), porém há uma escassez de investigações que discorram sobre essas práticas nos currículos de formação docente em Educação Física (Corrêa & Delgado, 2021).

A importância desta proposta de estudo se dá ainda pela necessidade de investigar sobre a formação inicial de professores(as) de Educação Física, com ênfase nos

saberes e nas qualificações para o desenvolvimento e inserção das PCA nos conteúdos curriculares das aulas, dado que esse(a) profissional está rigorosamente atrelado(a) a essa demanda. Outra contribuição que pode advir está relacionada à discussão sobre os aspectos metodológicos selecionados e aplicados às práticas de aventura, tendo em vista as perceptíveis fragilidades no que tange à formação profissional.

Diante de tais fatos aludidos pela literatura, a hipótese levantada pela pesquisa remete à escassez ou a informações de caráter introdutório das PCA nos currículos dos cursos de licenciatura em Educação Física dos IF do Nordeste, o que reflete na configuração e abordagem dessa disciplina.

Para melhor compreensão de como os conteúdos sobre PCA são contemplados nos IF do Nordeste, especifica-se nos objetivos de identificar a presença das PCA enquanto conteúdo e/ou disciplina na matriz curricular, verificar em quais disciplinas a temática está contemplada nos currículos de formação e analisar os programas de disciplinas, extraindo elementos relacionados aos aspectos metodológicos aplicados na respectiva disciplina.

Metodologia

A metodologia aplicada a este estudo respaldou-se na pesquisa de abordagem qualitativa, entendendo que um fenômeno pode ser compreendido de melhor forma no contexto do qual faz parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada.

Trata-se também de uma análise documental, uma vez que recorre a fontes diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, ou seja, que não foram analisadas diretamente, com intuito de extrair informações para compreender um fato (Kripka et al., 2015; Fonseca, 2012).

Para a execução da pesquisa, foram determinadas as seguintes etapas: realização de um levantamento de dados dos IF no Nordeste que ofertam cursos de licenciatura em Educação Física através do cadastro no site e-MEC⁸, o qual contempla os dados oficial das instituições de ensino superior (IES) reconhecidas pelo Ministério da Educação do Brasil; em seguida, direcionou-se às plataformas oficiais dos institutos encontrados, acessou-se as informações que concernem ao

⁸ Sistema eletrônico de regulamentação dos processos das instituições de ensino superior do Brasil.

que se delineou a pesquisa — projetos pedagógicos dos cursos (PPC) e/ou matrizes curriculares.

Na segunda etapa, houve a análise documental dos PPC com finalidade de identificar as PCA enquanto disciplina presente no currículo dos cursos de graduação em Educação Física dos IF e compreender como essas disciplinas estão sendo desenvolvidas na formação docente dos(as) licenciando(as).

Para a terceira etapa da investigação, foram analisados os programas de disciplinas relacionadas às PCA, de modo a extrair elementos relacionados à metodologia aplicada na respectiva disciplina.

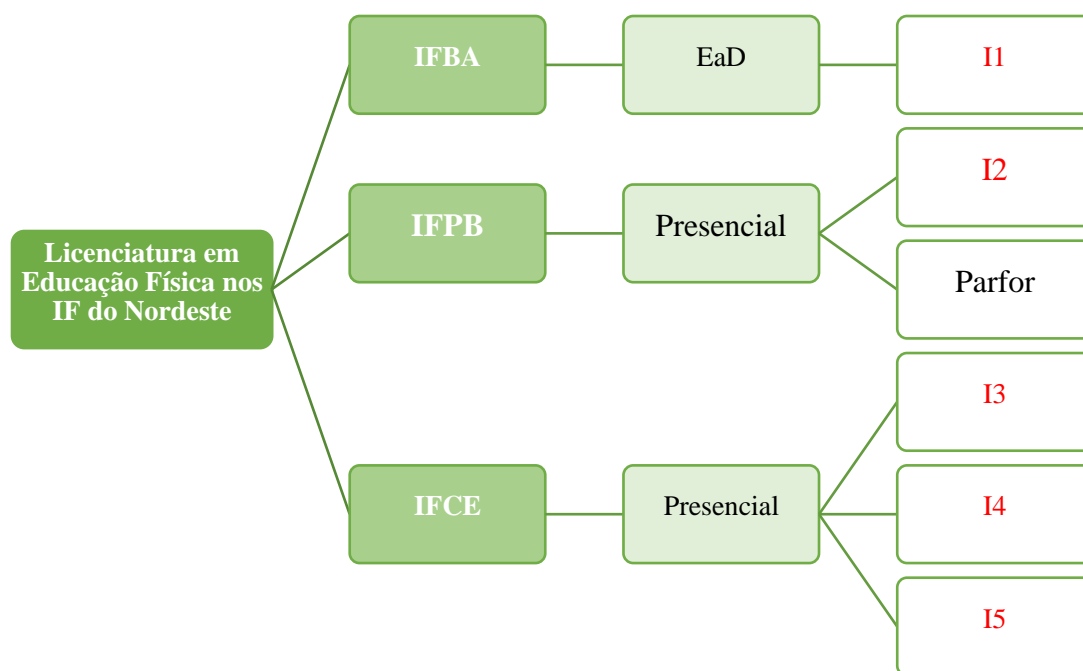
Diante do delineamento do estudo que envolveu a obtenção de informações através de abordagens qualitativas, os dados foram organizados e analisados conforme atendiam essas características. Logo, a análise dos documentos ocorreu com base na teoria proposta por Bardin (2011), da análise de conteúdo, partindo dos passos da pré-análise, da exploração do material e do tratamento dos resultados, no qual ocorrem a inferência e a interpretação dos dados. Desse modo, foram realizados a leitura flutuante dos planos das disciplinas, o agrupamento dos índices para compor as unidades de contexto e a construção das categorias para as unidades de registros com base na frequência e semelhança dos elementos. Em sequência, feita a interpretação dos dados, na qual os institutos foram nomeados por I1, I2, I3, I4 e I5, mantendo, assim, o sigilo das respectivas IES.

Os dados foram apresentados no formato de quadros, figuras e nuvem de palavras elaborados por meio das ferramentas SmartArt e Voyant Tools, indicando as informações que apareceram com mais frequência.

Resultados e discussão

Nas plataformas de acesso público, as informações constatadas fazem menção aos IF da Bahia, da Paraíba e do Ceará (IFBA, IFPB, IFCE, respectivamente). As referidas instituições representam a totalidade dos IF que ofertam o curso de licenciatura em Educação Física na região Nordeste, dispostos em cinco *campi* (Figura 1).

Figura 1. Caracterização dos IF



Ead: educação a distância; Parfor: Plano Nacional de Formação de Professores da Educação. Básica

Fonte: elaboração própria através do SmartArt.

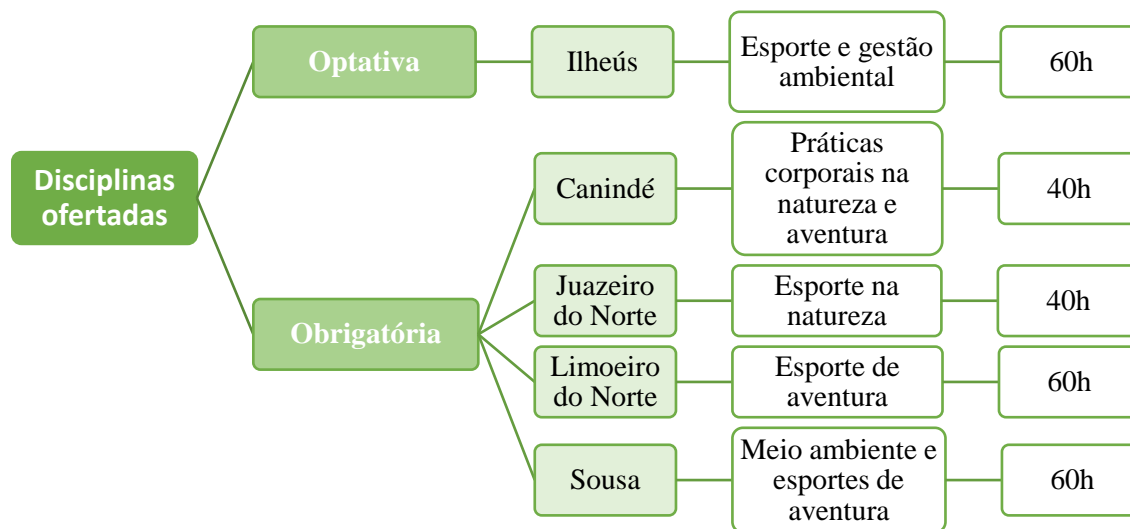
Destaca-se na análise inicial o IFCE pela oferta do curso em três cidades, todas localizadas no interior do estado, oportunizando benefícios e crescimento à população local. As demais instituições também apresentam peculiaridades, a começar pela oferta do curso na modalidade de ensino a distância da I1, que tem por objetivo fomentar a educação superior para professores da rede pública que não possuem graduação ou atuam em áreas distintas das licenciaturas em que se formaram.

Nesse cenário, a formação inicial tem a finalidade de preparar professores(as) para trabalharem em escolas e com pessoas em constante mudança, fato que implica uma reflexão permanente sobre o papel do(a) docente (Flores, 2010).

No processo de “aprender a ensinar”, os(as) futuros(as) professores(as) possuem um conjunto de crenças sobre o significado da docência internalizado ao longo de sua trajetória; todavia, “ao iniciar a prática docente, de forma autônoma, os(as) professores(as) não se sentem preparados(as) para enfrentar as realidades da escola e a da sala de aula (que atribuem à discrepância teoria/prática)” (Flores, 2010, p. 183).

Em muitos casos, tal discrepância, fragmentação ou até mesmo descontinuidade está atrelada ao déficit de conhecimento abordado nas disciplinas ofertadas na formação inicial, uma vez que as experiências por diferentes caminhos promovem a qualificação do(a) docente na mediação do conhecimento. Assim, podem ser enquadradas nesse viés as PCA pela escassez ou até mesmo pela eletividade delas nos IF da região Nordeste (Figura 2).

Figura 2. Especificações das disciplinas que se assemelham à aventura



Fonte: elaboração própria através do SmartArt.

Segundo a BNCC, a Educação Física oferece contribuições para a experiência de diversas faixas etárias, buscando permitir o acesso a um vasto universo cultural. Diante disso, a abordagem utilizada pelo(a) professor(a) para o desenvolvimento das aulas deve estar norteado no fim cultural, dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório das práticas corporais, de modo a possibilitar aos(as) alunos(as) a (re)construção de conhecimentos oportunos à consciência crítica e dos movimentos (Ministério da Educação do Brasil, 2018).

A despeito desse fato, questionamentos são claramente sinalizados quando não há a preparação necessária para exercer a função mediadora com o fim objetivado para o ensino dos objetos de estudo da Educação Física. Na Figura 3, é possível

visualizar a disciplina nos institutos I1, I2 e I3 com uma carga horária de 60h, no entanto a I1 apresenta a disciplina em formato optativo, e os *campi* I4 e I5 contam com apenas 40 horas destinada às PCA.

Vale ressaltar ainda que a I2, ora na modalidade regular, ora no Parfor, dispõe das mesmas especificações na matriz curricular e, juntamente das demais unidades, direciona somente uma disciplina para essa área, dados que provavelmente se incluem na estatística de Corrêa e Delgado (2021), os quais, ao analisarem os currículos dos cursos de Educação Física do Brasil, encontraram que apenas 27,5% das instituições ofertam uma disciplina voltada às PCA, valor correspondente a 302 universidades, sendo somente 148 da licenciatura.

Desse modo, perante os desafios da construção de um profissional habilitado, e mais importante que isso, um formador de opiniões e pessoas — professor —, tratar da formação inicial implica transformar o currículo, posto que este não é um elemento neutro e desinteressado, pelo contrário, constitui-se de uma organização dos saberes de um amplo universo de conhecimentos (Moura et al., 2020).

Para isso, as IES, enquanto agentes de transformação, têm o papel de estimular o senso crítico do(a) aluno(a) e oportunizar o conhecimento dialético (Santos & Costa, 2015), contemplando e possibilitando conteúdos diversos a serem repassados na atuação docente, muito embora a inserção acadêmico-científica das PCA seja recente, quando comparada a outras práticas hegemônicas na Educação Física (Tahara & Darido, 2016).

Em contraposto, é unânime a insegurança dos(as) estudantes(as) de graduação na implantação das temáticas referentes à aventura no cotidiano escolar, porém a Educação Física, assim como outros campos de conhecimento, está em processo de adaptação de seu currículo e da atribuição de indicações apontadas pela BNCC (Santos, 2021). Trata-se, portanto, de uma perspectiva amplamente desejada. A conquista de espaços pela prática da aventura em ambientes escolares mostra-se como ideal atingível, visto que aos poucos a evolução está acontecendo.

Percebe-se a crescente progressão da aventura, especialmente pelos resultados positivos do Brasil em algumas modalidades nos Jogos Olímpicos de Tóquio, como o skate e o surfe. Além disso, o acréscimo da escalada e BMX *freestyle* (Bicycle Moto Cross) reitera a recorrente procura dos esportes de aventura nos últimos 20 anos.

Os esportes citados acima, com exceção da escalada, ainda não são temas abordados nos planos de ensino dos cursos de licenciatura em Educação Física

investigados, uma vez que o destaque dos conteúdos programáticos — elencados pela frequência/amplitude da palavra — são os esportes de aventura, em suma *trekking*/trilhas e corridas de orientação, com enfoque escolar, educativo, ambiental e consciente (Figura 3). Novas modalidades também foram apontadas como arvorismo, alpinismo, escalada, montanhismo, rapel e o ciclismo (*bike*).

Figura 3. Nuvem de palavras dos conteúdos programáticos



Fonte: elaboração própria no Voyant Tools.

Verifica-se, na nuvem de palavras, uma forte associação entre aventura e esportes, muito pelo vínculo cultural das práticas corporais com a cultura esportiva. Apesar disso, entende-se que os conteúdos são desenvolvidos com a intencionalidade educacional, de acordo com a formação para a licenciatura dos cursos. Essa afirmação se baseia na análise mais minuciosa apresentada no quadro abaixo, em que, apesar de o eixo “esporte” ser mencionado com mais frequência, outros elementos são evidenciados para a formação no âmbito da aventura.

Quadro 1. Análise dos conteúdos programáticos

Unidades de contexto	Unidade de registro	Elementos extraídos
Conteúdos programáticos	Esportes	<p><i>I2</i> — Orientação: corrida de aventura; escalada; rapel; <i>mountain bike</i>; <i>trekking</i> (caminhadas por trilhas); tipos de trilhas; grupos de indivíduos; níveis de caminhada; esportes de aventura urbanos.</p> <p><i>I3</i> — esportes de aventura e educação física escolar; introdução ao <i>trekking</i> e <i>hiking</i>; fundamentos de orientação e navegação terrestre; corrida de orientação; esportes verticais: rapel, escalada e arvorismo; organização de trilhas e acampamentos; corridas de aventura.</p> <p><i>I4</i> — Esportes de aventura e educação física escolar; introdução ao <i>trekking</i> e <i>hiking</i>; fundamentos de orientação e navegação terrestre; corrida de orientação; esportes verticais: rapel, escalada e arvorismo; organização de trilhas e acampamentos; corridas de aventura.</p>
	Fundamentos teóricos	<p><i>I2</i> — Conceitos e história do ecoturismo; instruções e normas para guias em unidades de conservação.</p> <p><i>I3</i> — Conceitos e termos técnicos em esportes de aventura; história e evolução das modalidades de esportes de aventura.</p> <p><i>I4</i> — Conceitos e termos técnicos em esportes de aventura; história e evolução das modalidades de esportes de aventura.</p>
	Relação com a prática profissional	<p><i>I2</i> — Relação com o profissional de Educação Física.</p> <p><i>I3</i> — PCA como conteúdo da Educação Física escolar; fundamentos teóricos e práticos das PCA; metodologias de ensino dos esportes de aventura na Educação Física escolar.</p> <p><i>I4</i> — PCA como conteúdo da Educação Física escolar; fundamentos teóricos e práticos das PCA; metodologias de ensino dos esportes de aventura na Educação Física escolar.</p>
	Educação ambiental	<p><i>I2</i> — Impactos do ecoturismo; Política Nacional de Educação Ambiental: Decreto 4.281, de 25 de junho de 2002; Lei 9.795, de 27 de abril de 1999; Meio Ambiente: Educação Ambiental e Educação Física Escolar.</p> <p><i>I3</i> — PCA e educação ambiental: mínimo impacto; montanhismo de mínimo impacto.</p> <p><i>I4</i> — PCA e educação ambiental: mínimo impacto; montanhismo de mínimo impacto.</p>

Fonte: dados da pesquisa.

A partir do exposto, nota-se a ausência de elementos referentes às IES I1 e I5, fato esse que é decorrente da escassez de informações nos PPC. No que tange aos documentos, observou-se que os projetos pedagógicos das IES não passaram por reformulação curricular nos últimos quatro anos.

Assim, os conteúdos citados no Quadro 1 correspondem às IES que possuíam dados mais atualizados, os quais abarcam categorias ambientais, histórico-

conceituais, assim como a aplicabilidade no ambiente escolar. Dessa maneira, ao considerar a aventura como um segmento que engloba passeios de emoções, às vezes com riscos que necessitam ser controlados por meio de equipamentos e procedimentos de segurança pessoal, bem como de terceiros e respeito ao patrimônio ambiental (Coriolano & Morais, 2011), torna-se essencial que os conhecimentos englobem tais necessidades.

Quanto aos objetivos das disciplinas para a implantação dos conteúdos da aventura e o seu desenvolvimento, a análise remete às palavras da Figura 4.

Figura 4. Nuvem de palavras das ementas e objetivos



Fonte: elaboração própria no Voyant Tools.

Sabendo da relevância das PCA no processo educativo que abrange a Educação Física escolar, a presente investigação expressa pressupostos que norteiam a formação docente. De modo geral, os institutos da região Nordeste fazem menção ao estudo das modalidades como mais evidente, isso porque as PCA são formadas por diversas modalidades e, mesmo que superficialmente, os(as) professores(as) procuram apresentar essa variedade.

Todavia, reconhecer características, possibilidades, implicações, cuidados e conceitos aparecem como relevantes no estudo da aventura, fato que coincide com as informações do quadro anterior. Evolução, desenvolvimento, exploração, diferenciação e desvantagens também são alguns termos utilizados para cumprir o

propósito do estudo das PCA nos IF, pois as questões de risco e métodos de ensino são diferentes de outras práticas corporais, mais comuns na Educação Física.

Essas palavras se enquadram nas unidades de registro apresentadas no Quadro 2, tendo uma forte relação com o meio ambiente, estimulando a sensibilização para a preservação da natureza.

Quadro 2. Análise de conteúdo das ementas

Unidades de contexto	Unidade de registro	Elementos extraídos
Ementas	Educação ambiental e PCA	<p>I1 — Estudo e compreensão das implicações (impactos ambientais e sustentabilidade) dessas práticas para o meio ambiente.</p> <p>I2 — A educação ambiental, como fator de mudança de conceitos, de sensibilização do indivíduo e da sociedade. Noções de ecologia e meio ambiente, e suas implicações nas atividades físicas e de lazer.</p> <p>I2 — O conhecimento dos recursos naturais e sua utilização como prática esportiva e de lazer, e fonte de qualidade de vida às populações.</p> <p>I4 — Estudo e compreensão das implicações (impactos ambientais e sustentabilidade) dessas práticas para o meio ambiente.</p> <p>I5 — Esportes de aventura e educação ambiental.</p>
	Fundamentação teórica (história, conceitos e definições)	<p>I1 — Estudo e fundamentação do discente em caráter teórico-prático sobre as possibilidades da atividade física e lazer (regeneração) junto à natureza.</p> <p>I3 — Conceitos em esportes de aventura e da natureza; história e evolução das PCA.</p> <p>I4 — Estudo e fundamentação do discente em caráter teórico-prático sobre as possibilidades da atividade física e lazer (regeneração) junto à natureza.</p> <p>I5 — Definição dos termos em esportes na natureza. Identificação e compreensão das modalidades.</p>
	Relações com demandas externas	<p>I1 — Associação dos conteúdos programáticos com as demandas ambientais em caráter global e local.</p> <p>I2 — Relações desse conhecimento com o mundo da informática, pesquisa, trabalho, sociedade e da cultura corporal enquanto objeto de estudo da Educação Física e eixos articuladores do curso.</p> <p>I4 — Associação dos conteúdos programáticos com as demandas ambientais em caráter global e local.</p>
	Preparo metodológico	<p>I3 — Metodologias de ensino das modalidades de esportes de aventura no ambiente escolar.</p>

		15 — Abordagens práticas dos esportes na natureza na Educação Física escolar.
	Modalidades e ecoturismo	11 — Estudo de tópicos do esporte de aventura e ecoturismo. 12 — Exploração ecoturística organizada e preocupada com a preservação da natureza regional a exemplo do mountain bike, rapel, trilhas e outros. 14 — Estudo de tópicos do esporte de aventura e ecoturismo. 15 — Modalidades de esportes de aventura na terra, no ar e na água; montanhismo de mínimo impacto e cuidados com o meio ambiente.

Fonte: dados da pesquisa.

Dentro do processo de formação, considera-se o currículo um elemento educacional que direciona e orienta a prática; no entanto, o estudo verificou grandes semelhanças nas descrições entre as I1 e I4. Diante disso, percebe-se a necessidade de ajustes e reformulações nos currículos dos cursos buscando se adequar às exigências e realidades do contexto em que se oferece a licenciatura.

A forte relação das PCA com a educação ambiental se torna mais evidente quando se analisam os ementários das disciplinas. De fato, essa relação é consolidada pela literatura, a partir de autores como Franco et al. (2017), que relatam que a associação das PCA com o tema transversal meio ambiente é de grande relevância no entendimento das ações produzidas pelo ser humano na natureza, na melhoria e manutenção da qualidade da natureza, além de fomentar a compreensão dos impactos ambientais e adoção de práticas que diminuam esses efeitos. Agapto e Moura (2022) compreendem e defendem a importância e a relação, entre as PCA e a preservação do ambiente, entretanto ressaltam que é necessário pensar a disciplina de PCA na formação sobre uma ótica independente, que possui os seus conteúdos próprios, com fundamentos e técnicas específicas.

Adiante, para possibilitar maiores compreensões sobre os conhecimentos específicos das PCA postos nos currículos dos IF estudados, elaborou-se o quadro abaixo.

Quadro 3. Análise de conteúdo dos objetivos das disciplinas

Unidades de contexto	Unidade de registro	Elementos extraídos
Objetivos	Vivência e aplicação	<p><i>I3</i> — Vivenciar diversas práticas de esportes de aventura, compreendendo e transmitindo os seus fundamentos [...] pensando a realidade das escolas brasileiras.</p> <p><i>I4</i> — Vivenciar diversas práticas de esportes de aventura, compreendendo e transmitindo os seus fundamentos [...] pensando a realidade das escolas brasileiras.</p>
	Meio ambiente e princípios sustentáveis	<p><i>I1</i> — Desenvolver princípios sustentáveis à prática do esporte e lazer na região, capacitando o(a) discente para identificar possíveis conflitos entre o homem e a natureza oriundos dessas práticas, assim como a reflexão sobre soluções para a resolução de tais problemas.</p> <p><i>I2</i> — Compreender os esportes e as atividades da natureza como uma atividade recreativa e sua contribuição para a educação ambiental e na qualidade de vida de seus praticantes.</p> <p><i>I3</i> — Discutir as relações de cuidados com o meio ambiente na perspectiva da educação ambiental; [...] respeito ao meio ambiente.</p> <p><i>I4</i> — [...] respeito ao meio ambiente.</p>

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

Novamente se notam repetições de referências em instituições diferentes, assim como ressalva-se a falta de informações expostas no PPC da I5. Diante dos dados encontrados, Sousa et al. (2023), ao realizarem investigação sobre a abordagem da disciplina nos cursos de Educação Física em universidades da Paraíba, encontraram resultados semelhantes quanto à escassez de informações e à desatualização dos currículos observadas neste estudo; com isso, sugerem-se discussões que considerem as temáticas inerentes ao processo formativo.

Em síntese, o(a) docente é um sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem; ao mesmo tempo que ensina e orienta os(as) alunos(as) nas escolhas reflexivas, seu papel necessita de veracidade e fundamentação, de modo a vencer suas próprias resistências e implantar diferentes concepções de ensino que incluam todos os indivíduos (Degrande & Gomes, 2019).

Tamanha influência envolve o norteamento da profissão para aqueles(as) que estão iniciando a carreira docente, cuja formação e atuação são mascaradas pela desvalorização e pelas dificuldades. Logo, o estudo persiste no propósito, de assim como Gatti (2010), revelar a necessidade de uma revolução nos currículos de formação, integrando e articulando os saberes a partir da função social,

propícia para consolidar valores e práticas coerentes à vida. Acredita-se que a formação pode tornar os profissionais criativos(as), reflexivos(as) e capazes de buscar novas ideias para sanar as barreiras familiares, culturais e sociais.

Conclusões

Diante dos apontamentos teóricos e das reflexões que relacionaram a compreensão das PCA nos currículos de formação docente em Educação Física, seu desenvolvimento nos IF do Nordeste assevera a evidente necessidade da (re)evolução na escolha e correlação dos conhecimentos abordados na graduação.

A Educação Física possui um amplo campo de estudo, mas comumente se veem profissionais ainda arraigados às tendências e vertentes tradicionais, instrumentistas, limitando-se a um só conteúdo ou possibilidade, inviabilizando a ascensão, inclusão e aprendizado dos(as) alunos(as). Reconhecemos que essa visão persiste até as práticas atuais; no entanto, a fim de desmistificar o(a) professor(a) que “só joga a bola”, acredita-se que a preparação do(a) discente na formação inicial deve buscar sanar o despreparo que os(as) profissionais de Educação Física enfrentam na realidade educacional, pela falta de materiais, alunos(as) acomodados(as) à rotineira escolha de atividades e até mesmo pela pouca importância desvelada a esse componente curricular.

Tais enfrentamentos perduram nos currículos investigados no que se refere às PCA, as quais, embora sejam mencionadas, são pouco aprofundadas, considerando a eletividade e abordagem da disciplina em apenas um momento da graduação. Foram seis cursos encontrados, sendo um na modalidade ensino a distância e os demais no formato presencial, considerando o Parfor, ainda que este siga as mesmas orientações do curso regular da I2. As disciplinas, por sua vez, realçam as modalidades e os esportes, sendo algumas intituladas de “esportes de aventura”. Sob outra perspectiva, apesar desse panorama, os achados também mostram o foco nos aspectos sociais e culturais ao tratar do lazer, da ecologia e da própria aventura no intuito de proporcionar alternativas no campo profissional, bem como no respeito e valorização do meio ambiente, seja este citado em um viés de gestão (I1), seja relacionado ao contexto em que se inserem as PCA (I2).

Por fim, a proposta se prontifica na contribuição para que haja uma articulação do currículo, instigando o(a) licenciando(a) a utilizar diferentes temáticas, incluindo as PCA em planos de aula, intervenções, estágios e em outras oportunidades que permitam vivências no ambiente escolar. Destacamos a acessibilidade das informações nas plataformas digitais e reforçamos a pretensão de análises futuras

para averiguar o desenvolvimento das PCA nos cursos de Educação Física dos demais institutos do Brasil, considerando carências e melhorias que poderão ser perpassadas para outras instituições com o fim único de contribuir para o campo da aventura e para o engrandecimento da Educação Física. Juntamente das inquietações já citadas, destaca-se a baixa porcentagem da oferta da licenciatura em Educação Física nos IF no Nordeste, dado que a região abarca nove estados: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe, e há uma significativa concentração da graduação somente no estado do Ceará, tornando evidente a necessidade de expansão da área da Educação Física nos IF não somente nessa região, mas também no cenário nacional.

Referências

- Agapto, R. E. S. & Moura, D. L. (2022). A disciplina de práticas corporais de aventura a partir dos professores dos cursos de licenciatura em educação física. *Humanidades & Inovação*, 9(15), 168-184.
<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/7020>
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Bigolin, Á. & Carlan, P. (2019). Práticas corporais de aventura na natureza: o prazer de uma experiência na promoção da saúde. Em *Congresso Internacional em Saúde* (n.º 6).
<https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/conintsau/article/download/10791/9468/#:~:text=As%20pr%C3%A1ticas%20corporais%20de%20aventura.poder%C3%A3o%20resaltar%20na%20preserva%C3%A7%C3%A3o%20e>
- Brasil, Ministério da Educação. (2018). *Base Nacional Comum Curricular*.
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf
- Bungenstab, G. C., Santos, W. M., Silva, L. T., dos Santos, R. M. A. S., Holanda, G. I., Ramos, J. S. D. & Guedes, D. G. (2017). Educação física no ensino médio: possibilidades de ensino das práticas corporais (de aventura). *Corpoconsciência*, 21(3)29-40.
<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/5524>
- Coriolano, L. N. M. T. & de Moraes, E. O. (2011). Desvendando caminhos do turismo de aventura no Brasil. *[TESTE] RITUR-Revista Iberoamericana de Turismo*, 1(2), 3-11.
<https://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/343/254>
- Corrêa, E. A. & Delgado, M. (2021). Atividades de aventura nos currículos de formação inicial em educação física no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, 8(2), 114-135.
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/29059>
- Darido, S. C. (2005). *Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica*. Guanabara Koogan.
- Degrande, D. H. S. & Gomes, A. A. (2019). Formação inicial: a concepção do professor reflexivo. *Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade*, 6(11), 169-183.
<https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/download/7895/5845>

- De Paula, M. V. & Kochhann, A. (2020). Práticas corporais de aventura na Educação Física Escolar e a inclusão da criança com deficiência. *Olhar de Professor*, 23, 1-17. <https://www.redalyc.org/journal/684/68464195030/68464195030.pdf>
- Fernandes, L. G. & Silva, A. (2017). Práticas corporais de aventura na natureza e Educação Física: Uma área de atuação. Em *Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura — CBAA*, 2(5). <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2015/6conice/paper/download/7223/3940>
- Flores, M. A. (2010). Algumas reflexões em torno da formação inicial de professores. *Educação*, 33(03), 182-188. <https://www.redalyc.org/pdf/848/84816931003.pdf>
- Fonseca, R. C. V. (2012). *Metodologia do trabalho científico*. Iesde Brasil.
- Franco, L. C. P., Cavasini, R. & Darido, S. C., A. A. B. D. (2017). Práticas corporais de aventura. Em F. J. Gonzalez, S. C. Darido & A. A. B. de Oliveira (orgs.), *Lutas, capoeira e práticas corporais de aventura: práticas corporais e a organização do conhecimento* (139-190). Eduem. <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/170986/001055495.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Gastão, G. S. & Ferreira, T. (2020). Práticas corporais de aventura no ensino médio: parkour e corrida de orientação. Em L. B. Kawashima & E. C. Moreira (orgs.), *Educação Física no Ensino Médio: reflexões e práticas exitosas*, Capítulo 8, 143-159. <https://aedfnosifs.com.br/wp-content/uploads/2020/10/EDUCACAO-FISICA-NO-ENSINO-MEDIO-reflexoes-e-praticas-exitosas.pdf#page=143>
- Gatti, B. A. (2010). Formação de professores no Brasil: características e problemas. *Educação & Sociedade*, 31, 1355-1379. <https://www.scielo.br/j/es/a/R5VNX8SpKjNmKPxxp4QMt9M/?format=pdf&lang=pt>
- Inácio, H. L. D., Cauper, D. A. C., Silva, L. A. P. & de Morais, G. G. (2016). Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios-reflexões para além da base nacional comum curricular. *Motrivivência*, 28(48), 168-187. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n48p168>
- Kripka, R., Scheller, M. & Bonotto, D. L. (2015). Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. *Atas CIAIQ*, 2, 243-247. <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/252>
- Luz, D. C. & Oliveira, A. A. B. (2021). Orientação: um tesouro pedagógico das práticas corporais de aventura. *Caderno de Educação Física e Esporte*, 19(3), 227-231. <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/27476>
- Moura, M. M. M., Nunes, J. S. & Pessoa, A. R. R. (2020). Lazer no contexto da formação inicial em educação física. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, 7(2), 23-42. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/21980>
- Paixão, J.A.D. (2017). O esporte de aventura como conteúdo possível nas aulas de educação física escolar. *Motrivivência*, 29(50), 170-182. <https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/17534>
- Rosa, H. J. G., Souza, A. C., Silva, A. K. S. & Fernandes, C. T. (2019). Práticas corporais de aventura em escolas brasileiras: revisão sistemática. *Research, Society and Development*, 8(6), 1-12. <https://www.redalyc.org/journal/5606/560662197021/560662197021.pdf>

- Santos, J. W. (2021). *Percepção dos (as) estudantes e professores de Educação Física sobre as principais atividades de aventura e sua implementação na escola*. (trabalho de conclusão de curso). Universidade Federal do Ceará.
https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/63608/1/2021_tcc_jwsantos.pdf
- Sousa, R. M. F., Nunes, A. C. C., Souto, G. M. S. & Melo, G. N. (2023). Práticas corporais de aventura, currículo e formação docente na Paraíba. *Coleção Pesquisa em Educação Física, Várzea Paulista*, 22(1), 53-61. <https://fontouraeditora.com.br/periodico/article/1680>
- Sousa, D. Q. O. & Araújo, A. C. de. (2016). As práticas corporais de aventura na educação física escolar: o que o estado da arte nos diz. *LICERE*, 19(2), 72-110.
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1236>
- Santos, T. C. & Costa, M. A. F. (2015). Um olhar sobre a educação ambiental expressa nas diretrizes curriculares nacionais para a educação ambiental. *Revista Práxis*, 7(13).
<https://moodlead.unifoa.edu.br/revistas/index.php/praxis/article/view/658>
- Tahara, A. K. & Darido, S. C. (2016). Práticas corporais de aventura em aulas de educação física na escola. *Conexões*, 14(2), 113-136.
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8646059>
- Pereira, D. W. (2019). *Pedagogia da aventura na escola: proposições para a base nacional comum curricular*. Fontoura.